

## Sentidos Vinculados a Figura do Líbero<sup>1</sup>

Antonio Guilherme SCHMITZ FILHO<sup>2</sup>

Lorenzo Iop LAPORTA<sup>3</sup>

Vagner de Magalhães SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

### RESUMO

O artigo visa apresentar alguns pressupostos relacionados à midiática do Voleibol através da posição do Líbero. Para tanto, cabe considerar que o Voleibol adquiriu protagonismo como esporte de massa e elemento significativo no mercado de entretenimento desde o redimensionamento ocorrido em sua estrutura a partir da década de 70. Compreender os atributos midiáticos que revitalizaram o setor defensivo através do surgimento do Líbero, bem como as atribuições relativas ao jogo e ao sentido culturalmente atribuído a ele em relação às adequações entre o atacar e o defender são os principais enfoques de alcance deste artigo, sobretudo nos requisitos que dizem respeito ao processo de ensino-aprendizagem do jogo.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise; jornalismo esportivo, voleibol;

### 1. INTRODUÇÃO

Várias foram às adequações produzidas no sentido de melhorar a dinâmica do jogo de Voleibol numa tentativa de ampliar os atrativos do espetáculo esportivo. Com o surgimento do líbero, as atribuições relativas ao jogo e ao sentido culturalmente atribuído a ele, sofreram adequações no que diz respeito à relação entre o atacar e o defender. A defesa, como no futebol, possui menor importância no contexto do entretenimento. Com a criação da posição do líbero, surge uma série de atributos que revitalizam o setor defensivo e a sua relação direta com o setor ofensivo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão temática Interfaces Comunicacionais no Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor (categoria adjunto) do Departamento de Desportos Coletivos do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e doutor em Processos Midiáticos pela UNISINOS/RS, orientador da linha de pesquisa Cenários Esportivos na Mídia, [schmitzg@terra.com.br](mailto:schmitzg@terra.com.br).

<sup>3</sup> Autor do Trabalho. Aluno da Especialização em Cenários Esportivos Midiáticos do Curso de Especialização Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria, [laportalorenzo@gmail.com](mailto:laportalorenzo@gmail.com).

<sup>4</sup> Especialista em Conteúdos Esportivos Midiáticos do Curso de Especialização Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde do CEFD-UFSM, email: [vagner14@gmail.com](mailto:vagner14@gmail.com).

A compilação dos dados, tanto empíricos como teóricos, tomará base na matriz gerada na década de 70 via estratégias de divulgação, especialmente na relação do marketing com a noticiabilidade, bem como nas diversas ocorrências midiáticas que determinaram a evolução e o reconhecimento da posição do Líbero no contexto esportivo brasileiro.

Trata-se, portanto, de uma proposta de investigação do tipo histórica, de natureza teórico-crítica e de caráter descritivo analítico.

O significado maior, para o desenvolvimento de uma compreensão do sentido atribuído ao voleibol, diz respeito à formatação que o jornalismo esportivo gera no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, cabe considerar em que medida os cenários esportivos na mídia fornecem elementos à construção de uma idéia de jogo através da atribuição de sentidos dada a figura do Líbero.

Para tanto, se faz necessário caracterizar os aspectos relevantes acerca da midiática da noção do jogo de Voleibol, reconhecer quais os sentidos atribuídos midiaticamente à posição do líbero e analisar quais os pressupostos midiáticos relevantes à aplicação no ensino esportivo.

O principal interesse do estudo é o de caracterizar quais os aspectos relevantes acerca da midiática da noção do jogo de voleibol desde a sua inclusão como meio de entretenimento midiático até o surgimento da figura do Líbero como elemento de manutenção para o espetáculo esportivo.

Desta forma o artigo baseia-se nos seguintes pressupostos metodológicos: um reconhecimento dos processos históricos de ajuste promovidos no voleibol para sua manutenção no mercado de entretenimento; determinação dos elementos agregados à fragmentação produzida durante a apresentação/interpretação de uma idéia de jogo; descrição dos atributos relativos à compreensão do jogo do Líbero e apresentação de alguns pressupostos como auxílio à discussão da midiática da noção do jogo de voleibol no contexto do processo de ensino-aprendizagem.

## **2. APRECIÇÃO DOS PROCESSOS HISTÓRICOS<sup>5</sup>**

Ao observar que muitas pessoas se encontravam insatisfeitas com as oportunidades de praticar exercícios físicos em ginásios na temporada de inverno,

---

<sup>5</sup> Apreciações retiradas do livro “**Sacando**” o **Voleibol**, de Wanderley Marchi Júnior, e de sessões de orientação do TCC com o Prof. Antonio G. Schmitz Fº.

Willian George Morgan cria um esporte ao analisar as principais modalidades esportivas da época (Tênis e Basquetebol), na tentativa de estimular os integrantes da Associação Cristã de Moços (ACM) de Holyoke em 1895. Contrariamente ao Basquetebol, nascido em 1981, o novo jogo surgiu com a intenção de eliminar o contato físico e o desgaste físico intenso provocado pelos dribles para se chegar até a cesta.

O voleibol trouxe peculiaridades interessantes e envolventes, visto que, a partir do momento em que o contato físico foi eliminado com a utilização da rede do Tênis, a participação de indivíduos de diferentes faixas etárias e interesses acontecia naturalmente. O que se percebe, mesmo sem a devida verificação, é que o voleibol trouxe desde a sua origem um forte apelo agregador para sua prática.

Outra característica interessante a se observar na origem do voleibol, diz respeito à utilização do sistema de rodízio. Tal situação possibilitou a vivência nas diferentes situações de jogo. O Voleibol, pelo menos no aspecto estrutural, já denotava a possibilidade de uma leitura mais aguçada do jogo para todos os componentes.

Tomando o exemplo do Tênis, surgiu a idéia de um formato de jogo que separava uma equipe da outra. A rede foi usada para delimitar os dois espaços de jogo e cada time ganhou com isso um ambiente específico para as evoluções técnico-táticas, de tal forma que a relação entre as partes do jogo e uma compreensão mais refinada dos detalhes que envolvem o ataque e a defesa evoluiu. Em decorrência, concepções táticas e alternativas foram estabelecidas no sentido de defender o espaço de jogo e enviar o problema para o campo adversário.

Diferentemente do Tênis, o voleibol eleva a altura da rede e retira o quique da bola na quadra. Surge, portanto, a necessidade da criação de novos fundamentos para a realização de gestos necessários ao funcionamento do jogo. A bola se mantém no ar e acima da cabeça dos jogadores, o que promove comportamentos e ajustes que caracterizam uma plástica de jogo totalmente diferenciada.

Nesta perspectiva, o toque de bola (passe) surge como uma forma de comunicação direta entre os jogadores, semelhante ao gesto utilizado no arremesso e no passe do Basquetebol. O toque de bola traria o amortecimento necessário da bola acima da cabeça e a continuação imediata (impossibilidade normativa de retenção da bola) para outro companheiro ou para o outro lado da quadra.

Com a necessidade de repassar o problema para o campo adversário, o *smach*<sup>6</sup> e o saque do Tênis são incorporados ao voleibol como uma forma de penetrar no campo adversário e vencer uma parte do jogo (o ponto). Porém, em virtude da rede mais alta, tornou-se necessário o uso do salto a fim de obter um maior alcance, bem como, a superação de possíveis obstáculos, e, com isso, conseguir uma angulação direta com o solo aumentando o nível de dificuldade para o adversário<sup>7</sup>.

Ao relatar a forma de pontuação organizada inicialmente para o jogo, MARCHI (2004, p. 80) destaca que a bola ao tocar a quadra adversária somaria um ponto ao placar, e quando uma das equipes alcançasse nove pontos, a partir do ganho da vantagem do saque, seria considerada a vitoriosa do set. O jogo seria ganho pela equipe que vencesse dois sets.

MORGAN *apud* MARCHI (2004, p. 81) esboça detalhadamente as medidas adotadas para a criação e o estabelecimento das condutas necessárias ao desenvolvimento da nova modalidade.

Pensando num jogo adequado, ocorreu-me o tênis, mas o tênis requeria raquete, bolas, redes e outros apetrechos, de sorte que foi posto de lado, conquanto parecesse aproveitável a idéia da rede. Elevamo-la a cerca de 1.90 m do solo – justo acima da cabeça dum homem de estatura mediana. Precisávamos de uma bola, e entre as que experimentamos estava a câmara-de-ar de uma bola de cestobol, porém verificamos ser ela muito leve e não tomar velocidade, depois experimentamos uma pelota de basquetebol que se evidenciou demasiadamente pesada e muito grande. Finalmente, concluímos que precisávamos de uma pelota nas condições da atual bola de volibol, que encomendamos a A.G, Spalding & brothers e verificamos ser satisfatória. Com o tempo, sofreu o jogo muitas modificações, mas a idéia original de rede entre os dois quadros opostos ficou de pé.

Desde o princípio, os jogadores já eram distribuídos no mesmo número de participantes, porém, esse número era ilimitado. Então, surge a necessidade de se oportunizar a participação de todos em todas as posições da quadra, ou seja, possibilitar a experimentação do ataque na rede ou o apoio no fundo (sacar e defender)<sup>8</sup>. O sistema de rodízio se encaixa perfeitamente no pensamento da participação efetiva de todos. A

---

<sup>6</sup> Gesto que tem a função de arremate do ponto com uma cordada a rede.

<sup>7</sup> Tal fato é preponderante que a literatura específica relativa ao jogo de Voleibol trás na tipologia do saque por cima o **saque tipo tênis**.

<sup>8</sup> Conforme LAPORTA (2002), só em 1947 surge a regra de infiltração de um jogador da zona de defesa para a zona de ataque (popularmente chamado ataque dos 3m, tendo em vista que o jogador salta antes da linha que demarca três metros da linha central).

rotação proporciona a compreensão e a percepção dos requisitos necessários a todas as posições dentro da quadra de jogo.

Com a necessidade criada através da sustentação do jogo aéreo surge um novo apelo aos integrantes da partida. A concentração na bola e as relações com as possibilidades estratégicas em curso tornaram-se determinantes à criação de novos gêneros atléticos.

Em um jogo que a bola é mantida o maior tempo possível no ar e uma das chances de pontuação reside em tocar a bola na quadra adversária, impedir tal ação ou extrair daí possibilidades de continuidade para o jogo poderiam estabelecer uma diferenciação muito significativa para o sucesso do espetáculo.

A cada dia que passa o voleibol se torna um esporte cada vez mais interessante. O seu crescimento é notório. Os jogos passaram a ser assistidos por milhões de fãs e paralelo a isso, cresceu o interesse midiático na cobertura dos jogos. No Brasil, Carlos Arthur Nuzman, criador da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), órgão máximo do voleibol Brasileiro, ordenou metas para o desenvolvimento do referido esporte em nível nacional e internacional, viu uma grande chance de ascensão através da mídia e a importância que ela poderia estabelecer à ampliação do esporte.

Para NUZMAN *apud* FERREIRA PAES & SOUZA (2007), o suporte midiático tornou-se peça fundamental à ascensão e sustentação do voleibol como elemento da cultura esportiva brasileira. O contexto midiático possibilitou ao esporte uma vinculação estreita com os processos de marketing esportivo o que assegurou a regularidade de eventos e a manutenção de grandes equipes. Desta forma, o selecionado nacional ganhou em qualidade e os novos ídolos auxiliaram na formação e na manutenção de novas frentes geradoras de conhecimento esportivo (equipes, patrocínios, franquias, eventos, etc.).

No entanto, via-se a necessidade de dar uma maior dinamicidade às partidas, pois o jogo era considerado por muitos como sem emoção, monótono e muitas vezes, até taxado como chato. Assim a solução encontrada para uma maior visibilidade no cenário esportivo foi a alteração nas suas regras.

Então, a primeira mudança foi adoção do sistema de ponto por rali<sup>9</sup> (rally-point), onde todo erro e/ou acerto computava um ponto na somatória geral do time, ampliando

---

<sup>9</sup> Momento do jogo em que há ataque e contra-ataque. Definição extraída no Dicionário Aurélio Eletrônico – século XXI versão 3.0 de novembro de 1998.

o grau de dinamismo na atividade através de vínculos de comunhão entre os integrantes das equipes e os espectadores. O surgimento do set com 25 pontos foi um dos melhores acontecimentos para a televisão, pois as emissoras passaram a se programar melhor e a criar uma estimativa de duração das partidas, o que promoveu uma adequação em relação à grade de programação.

A bola passou a ser colorida, e com isso, melhorou a leitura das jogadas por parte dos atletas e dos árbitros, além de ampliar a plástica do jogo. Houve a inclusão do tempo obrigatório no oitavo ponto de cada set favorecendo as transmissões televisivas na inserção de comerciais. Também auxiliou no controle do fator tempo de jogo e a melhoria na relação com as transmissões televisivas, a adoção do piso emborrachado de taraflex que diminuiu significativamente a necessidade de interrupção de jogo para secar a quadra.

Tais medidas caracterizam a versatilidade adotada pelos dirigentes, mesmo que de forma empírica, para o estabelecimento de um vínculo estreito entre a modalidade e a ampliação das suas possibilidades de inserção midiática.

Outro aspecto relevante ao contexto midiático do voleibol foi a ascensão de alguns jogadores que, na noite para o dia se tornaram ídolos. Como exemplo citamos o jogador Bernard e o seu saque “Jornada nas Estrelas”, que atrapalhava a recepção adversária pela altura de 25 metros e uma velocidade de 72 Km/h atingida pela bola<sup>10</sup>. Em 26 de julho de 1983, o saque foi popularizado em uma partida entre Brasil e a extinta União Soviética em pleno Maracanã<sup>11</sup>, com 95.887 pagantes, em uma noite de chuva. A partir de então, se percebeu o sucesso que o voleibol passaria a estabelecer no contexto cultural esportivo<sup>12</sup>.

Ao observar a estrutura do jogo, se buscou alternativas para alternar ou equilibrar a supremacia existente do ataque sobre a defesa. Com o início do rali, ocorria a recepção e a preparação efetiva para o ataque, que na maioria dos casos terminava com o ponto. A possibilidade de contra-ataques ainda era insignificante. A grande preocupação concentrava-se no acréscimo de volume ao jogo defensivo.

---

<sup>10</sup> Dados retirados do site O TEMPO PASSA (<http://otempopassa.org/fatoshistoricos.html>), acesso em 06 out. 2008.

<sup>11</sup> Estima-se que neste momento por intermédio do ingresso no “palco futebolístico” ocorre o rito de passagem à popularidade do voleibol.

<sup>12</sup> Dados retirados do livro Voleibol e Mídia: Uma sacada de Ouro de FERREIRA PAES & SOUZA, 2007 p. 59.

O interessante, em se pensando na origem de ampliação das possibilidades defensivas, se deu na forma como as coisas aconteceram. A partir do momento em que a arbitragem tornou-se menos rigorosa com alguns lances relacionados aos dois toques na primeira bola vinda do adversário (saque), as possibilidades de manutenção de posse de bola e conseqüente continuidade do jogo sofreram significativas alterações.

No entanto, a defesa ainda continuava “em baixa”. Os espectadores admiravam as levantadas ludibriosas que culminavam em ataques fortes ao chão e a defesa permanecia, como em outras modalidades, a despertar pouco ou nenhum interesse.

### **3. DESCRIÇÃO DE ATRIBUTOS**

Observando que o voleibol na década de 70 era pouco popular porque as movimentações e as jogadas em quadra não se definiam rapidamente e que tal prerrogativa afastava a conquista de melhores patrocínios, bem como a manutenção das equipes por períodos mais longos, alternativas de sustentação começavam a surgir.

No Brasil, o voleibol, assim como o Basquetebol americano, encontrou uma forma de valorizar e dar a devida importância ao todo. Isso implica em dizer que a beleza de algo que acontece no conjunto diz respeito ao próprio conjunto. Provavelmente, as ocorrências que determinaram ralis curtos e com predominância de ações dos jogadores de ataque tenham produzido os elementos necessários à revitalização daquilo que acontece na relação entre o atacar e o defender no voleibol (o surgimento do líbero).

Na maioria das culturas, a idéia produzida em relação ao jogo diz respeito fundamentalmente ao que se produz com a posse de bola e no ataque. O Futebol é um grande exemplo desta dinâmica e a cultura brasileira é permeada midiaticamente por apelos enfáticos às grandiosidades ofensivas (os fazedores de gol). Neste quesito, o voleibol ultrapassou as demais modalidades e se adiantou ao peso da tradição que por vezes torna os eventos esportivos tediosos.

A partir de 1998, quando a FIVB (Federação Internacional de Voleibol) cria a figura do Líbero, traz com ele a versatilidade de articulação entre as zonas de ataque e defesa, e um novo desenho estético passa a compor o jogo. O líbero adquire o status de realizar funções por vezes “impossíveis”, defesa de bolas difíceis e recepção de saques fortíssimos, o que gera maior emoção aos ralis.

O Líbero ingressa no jogo na posição de qualquer jogador da zona de defesa antes da autorização do saque. Cabe destacar que nas regras do voleibol um jogador só pode jogar na sua área de jogo e reingressar na partida no lugar daquele que o substituiu (limitações normativas ao jogo). Com a criação da posição do líbero algumas limitações foram minimizadas.

Mesmo que, por ordem da regra, o líbero ingresse na partida em qualquer uma das posições de fundo, a versatilidade das substituições altera o contexto do jogo. Com isso, o grau de importância das ações defensivas no fundo de quadra (tempo de rali) sofre significativas mudanças.

A própria relação entre o ataque e a defesa e o reconhecimento dos seus elementos ganham protagonismo com o Líbero. Neste caso, uma posição específica passa a colaborar de maneira significativa para o próprio sentido atribuído ao jogo e às possíveis interpretações deste em diferentes contextos (ensino, midiático, esportivo, etc.).

A partir deste momento, o público voltaria sua atenção não só a um ataque ao chão muito forte, mas também a uma atitude “impossível”, um mergulho ou rolamento (recurso defensivo) do líbero que revitalizasse a importância da relação do ataque e da defesa dentro da evolução do jogo e da necessidade de melhoria deste, e também de sua caracterização através da mídia. A criação do Líbero mostra essa união, a importância do defender e do receber ataques e saque muito difíceis, com beleza de movimentos novos nunca vistos antes, para posteriormente organizar as ações através de um ataque bem montado.

#### **4. ALGUNS PRESSUPOSTOS À DISCUSSÃO DA MUDIATIZAÇÃO DA NOÇÃO DO JOGO DE VOLEIBOL**

A idéia de organizar alguns elementos para o desenvolvimento de pressupostos em relação a uma noção da midiatização do jogo diz respeito também à incorporação de valores que passam pelo contexto da industrialização, do profissionalismo e do esporte como um grande negócio. Uma característica interessante que se observa quando o jogo adquire aspectos do espetáculo, é, quando multidões passam a se interessar por ele incorporando hábitos e valores de um universo esportivo específico (a exemplo do líbero).



Quando os meios de comunicação ingressam no campo esportivo, tem início uma sobreposição de fazeres que mereçam a atenção de estudos que consigam estabelecer uma análise razoável da relação entre as partes. Por exemplo, no Futebol o atleta que faz os gols, que “pedala”, improvisa jogadas emocionantes, recebe grande enfoque no cenário midiático, enquanto os outros que ocupam posições menos destacadas, não recebem o devido valor. A defesa, que muitas vezes salva o time, restabelece o início do jogo e fundamenta resultados e sucessos, acaba esquecida.

Neste sentido, os meios de comunicação interferem nas casas das pessoas, nos campos de futebol de várzea e, principalmente, nas aulas de Educação Física, situação em que muitos alunos sonham em ser o Ronaldinho Gaúcho, um Giba, um Michael Jordan, entre outros. Se pensarmos a representação que estes mitos esportivos possuem em relação à estrutura geral do jogo (ataque x defesa), e transferirmos para o ensino esportivo escolar, é possível compreender porque, em várias ocasiões, atividades que priorizam o ataque sobrepujam atividades que enfatizam a defesa.

Ao destacar a relação ente ataque e a defesa, SCHMITZ (1999, p. 165 a 168) enfatiza alguns aspectos gerais do ataque:

Sua formação se inicia quando a equipe adquire a posse de bola e termina com a marcação do gol, um arremate para fora, ou com a perda da posse de bola. Sendo assim o ataque é definido pela evolução em direção à meta adversária, intencionando o gol;

E alguns aspectos gerais da defesa.

Se a defesa inicia com a perda da posse de bola, existem nela funções bem estabelecidas, que são: a tentativa de recuperar a bola para com isso voltar ao antigo estado (ataque) e a busca em garantir que o adversário não consiga progredir e avançar em direção ao gol (fazer o gol).

E caracteriza a unidade defensiva marcação que pode servir como apoio para as discussões das características ligadas à idéia de midiatização do líbero.

(...) ação individual de defender (sic). O conceito de marcação pressupõe que cada indivíduo seja capaz de marcar pelo menos um oponente direto, se marcar dois, melhor. O sucesso da defesa vai depender da qualidade da marcação, que em última análise é caracterizada pelo sucesso do marcador frente ao seu oponente.

Transferindo esta realidade para o voleibol, o saque e o ataque são as duas possibilidades de arremate do ponto. A defesa/bloqueio e a recepção caracterizam-se por ações defensivas onde se procura o conserto da ação adversária para poder contra-atacar e fazer o ponto. Deste modo, o bloqueio possui algumas peculiaridades nesta relação, uma fase de transição da defesa para o ataque, onde o bloqueador estará esperando a definição do levantamento adversário para efetuar o bloqueio (defesa) que venha a marcar um ponto com um bloqueio ofensivo (ataque).

No voleibol atual, o bloqueio é a primeira defesa do time, pois o mesmo ajuda na composição da linha defensiva através de sua disposição. Busca-se no mínimo o bloqueio duplo em todas as jogadas ofensivas do adversário, ou seja, a superioridade numérica da defesa em relação ao ataque (2x1). Se conseguir formar um bloqueio triplo (três atletas no primeiro bloco defensivo) melhor ainda, deixando em último caso o jogo de um contra um do bloqueio, uma vez que ainda há uma vantagem das relações ofensivas sobre as defensivas.

Mas o que o bloqueio tem a ver com o líbero? “Tudo” seria a resposta mais correta, o posicionamento do líbero muda em função da marcação (posicionamento) do bloqueio. Após os bloqueadores se formarem em função do levantamento adversário, o líbero se ajusta conforme a probabilidade da bola passar do bloqueio, ou seja, ele se desloca para o lado contrário da “sombra do bloqueio”. Conforme a sombra do bloqueio vai ficando maior (sem bloqueio, bloqueio simples, duplo e triplo), existe uma menor área para o líbero cobrir e uma maior facilidade de defender para conseguir contra-atacar.

A título de exemplificação, os diagramas ajudam a compreender a forma de relações estabelecidas entre os elementos do jogo (ataque e defesa), bem como entre os componentes em diferentes situações. Se pensarmos na riqueza de possibilidades, a própria midiáticação “ganha em potencialidade”.

A proposta de se desenvolver uma apreciação a partir do sentido atribuído ao líbero no jogo de voleibol diz respeito aos aspectos que envolvem a própria midiáticação da noção de jogo. Com o crescimento dado através do espetáculo, diversos conceitos relativos ao sistema esportivo e fundamentalmente aos requisitos que dizem respeito ao desenvolvimento de práticas esportivas começam a surgir no cotidiano das pessoas com regularidade. Neste sentido, quando conceitos do campo esportivo são

destacados no campo midiático, uma série de elementos à problematização do processo de ensino–aprendizagem esportiva tornam-se passíveis de descrição e análise.

Um dos problemas relativos ao ensino esportivo no contexto escolar se refere a sua legitimação educacional. Até o momento não se conseguiu desenvolver alternativas adequadas para tal situação. O que acontece no ambiente da Escola, na maioria dos casos, volta-se exclusivamente à reprodução de modelos desenvolvidos pelo sistema esportivo vigente ao qual muitas vezes é reflexo das formatações acionadas via sistema midiático.

As Instituições de Ensino Superior (academia) reproduzem, em seus currículos e em seus livros textos, uma separação muito acentuada do ensinar e do aprender esportes. O que amplia o problema, considerando-se a continuidade de um conhecimento pouco discutido e reproduzido ao longo dos tempos. Em poucas ocasiões se percebe uma discussão mais refinada das questões que cercam o desenvolvimento esportivo e o conhecimento do jogo em si. Isso, de certa forma, ajudaria na formação de uma autonomia necessária no trato com os conteúdos (uma proposta didática).

Com a institucionalização de uma idéia de jogo, o sentido criado culturalmente também influencia no entendimento do mesmo, geralmente através da valorização do ataque em detrimento da defesa (principalmente via futebol). No voleibol não é diferente. Mesmo com o surgimento do líbero e a produção de uma série de ações de suporte para o ataque, ainda se percebe a valorização das ações na linha acima da rede. Tal aspecto é fundamental na constituição do corpo de análise à midiatização do sentido atribuído ao líbero no voleibol, foco de atenção principal deste artigo.

A relação do ataque e defesa está presente em todas as ações do jogo e em todos os níveis de jogo, seja na escola, nas ruas, nos clubes que representam a cidade, entre outros. Acredito ser necessário que todos os jogadores devam possuir um conhecimento mínimo do jogo e o que o envolve.

No voleibol temos duas situações que dizem respeito a esta relação. A primeira é a do saque-recepção. A outra, do ataque e do bloqueio paralelamente com a defesa. Podemos achar que na escola não se aplica tal relação, o que é um equívoco, porque este conhecimento não diz respeito só ao treinamento, e sim a um entendimento que facilitará a leitura e as decisões dos jogadores e professores em todos os esportes.

Antigamente, o uso do saque servia somente para dar o início ao rali, ou seja, começar o jogo/ponto. Com a profissionalização e a participação em campeonatos, viu-se que o saque serviria também como uma arma ofensiva, pois quando a bola tocava diretamente o chão (*ace*) era computado um ponto no placar, e dependendo do tipo, força ou direção do saque, poderia favorecer, quebrando toda e qualquer ação estratégica do adversário, ou ainda, usar de adversários com recepção fraca para fazer pontos através de seus erros.

Por exemplo, no time adversário que está participando de uma competição escolar, seu melhor atacante está localizado na zona de ataque (jogador de rede), e é importante que a bola não chegue nele ou que ele não consiga fazer o ataque, pois a chance de converter o ponto é muito alta. Então, ao analisar seu posicionamento na recepção do saque, pede-se para o aluno sacador que execute um saque curto nesse atleta fazendo com que ele tenha que ir à rede para conseguir pegar a bola e não consiga retornar para efetuar a passada correta de ataque com sustentação e firmeza do gesto para converter o ponto. No momento do ataque, talvez a melhor opção seja a de apenas passar a bola ao outro lado, favorecendo as ações de contra-ataque do seu time.

Sabe-se que no ataque reside a maior porcentagem de pontos em um jogo de voleibol. Táticas de defesa (posicionamento em quadra) são criadas em relação ao posicionamento do bloqueio e, principalmente, ao ataque adversário.

Em um jogo, notou-se que certo atacante tem preferência em bater bolas na direção diagonal, poucas bolas são batidas na paralela, então, pensando nisso, o atleta que está marcando diretamente o bloqueio (1x1), faz o uso dessa leitura e se aproxima um pouco mais do centro para fechar mais a diagonal e tentar pegá-lo no bloqueio. Vendo isso, o bloqueador da posição central da rede (posição 3) ajudará no bloqueio duplo (2x1), fechando uma boa parte da quadra e facilitando que os jogadores de defesa tenham um espaço reduzido para defender. O inverso também é verdadeiro com um jogador que usa ataques na paralela em excesso.

Estas situações são apenas alguns exemplos. Na hora do jogo acredita-se que o atleta deva ser capaz de identificá-las e achar a melhor solução para sair dos “problemas” que o envolvem. Porém, como dito anteriormente, isso deve ser trabalhado nos processos de ensino-aprendizagem esportivo.

## 5. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A linguagem do jogo pode ser uma alternativa à compreensão do mesmo. Como o sistema midiático se faz presente em todo o tecido social, a própria constituição de uma interpretação do jogo se atrelada ao sentido que lhe é atribuído midiaticamente.

O esporte, que é apresentado durante a realização de grandes eventos, tornou-se um dispositivo orientador do cotidiano esportivo. Uma delas diz respeito ao ensino esportivo. Vários educadores transportam para o ambiente do ensino esportivo a lógica que o sistema esportivo auxiliado por uma ou por um conjunto de mídias constrói como o ideal.

O problema é que uma idealização do gênero pode influir diretamente no contexto educacional e alterar seus fundamentos. Se o ideal educacional é o de alcançar um número cada vez maior de indivíduos, seguir a lógica pura e simples do esporte apresentado midiaticamente pode alterar o alcance de metas tais como: ajudar na superação de problemas; estimular na formação de uma autonomia e no poder de tomada de decisões e o desenvolvimento de novas estratégias de ensino, entre outros aspectos.

O fundamento deste artigo é justamente dar relevo às questões que se perdem no processo de fragmentação da informação na cobertura de fatos e eventos esportivos. Neste contexto, uma série de requisitos fundamentais para o processo educacional não são considerados adequadamente, mesmo porque a velocidade de apresentação dos acontecimentos é uma necessidade de sobrevivência para o meio jornalístico.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL, G. **Teoria Geral da Informação. Dados, relatos e ritos**. Madrid: Cátedra, 1997.

ALSINA, Maquel Rodrigo. **Teorias de la comunicacón: ámbitos, métodos y perspectivass**. Valência: Universitat de Valência, 2001.

**Análise comparativa entre o jogador líbero e os recebedores prioritários na organização ofensiva, a partir da recepção ao serviço, em voleibol** In SCIELO PORTUGAL. Disponível em: [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-05232006000300007&lng=pt&nrm](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232006000300007&lng=pt&nrm). Acesso em 13 out. 2006. (Artigo publicado na Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v.6 n.3 Porto)

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2001.



**A história do tênis. In TROPOD. Disponível em:**  
[http://members.tripod.com/tenis\\_br/historia.htm](http://members.tripod.com/tenis_br/historia.htm). Acesso em: 17 out.2008.

**A interpretação defensiva do jogador libero de alto rendimento e a eficácia do contra-ataque em voleibol. Estudo realizado na Liga Mundial de Voleibol de 2004 In SIGARRA. Disponível em:**  
[http://sigarra.up.pt/fadeup/teses\\_posgrad.tese?p\\_alu\\_numero=021102098&p\\_sigla=CD](http://sigarra.up.pt/fadeup/teses_posgrad.tese?p_alu_numero=021102098&p_sigla=CD). Acesso em 27 dez. 2007.

**A seleção brasileira se tornou bicampeã mundial porque entendeu antes e melhor que as outras a modernização do jogo. IN VEJA on-line de dezembro de 2006. Disponível em:**  
[http://veja.abril.com.br/131206/p\\_073.html](http://veja.abril.com.br/131206/p_073.html). 13. Acesso em 13.10.2008.

BARCELOS, Gerson; SCHMITZ FILHO, Antonio Guilherme; SILVA, Vagner de Magalhães. **Diagramações para “Felipão”**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

BERGER, L. Berger & LUCKMANN, Thomas. **A Comunicação Social da Realidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.  
**Bernard do Volei**. Disponível em: <http://www.bernarddovolei.com/index2.php?open=home>. Acesso em 06 out. 2008.

BETTI, Mauro. **Esporte, televisão e espetáculo: o caso da TV a cabo**. Revista CONEXÃO: educação, esporte, lazer. Campinas, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BIZZOCCHI, Carlos. **O Voleibol de Alto Nível: da iniciação à competição**. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes. **Ensinando Voleibol**. São Paulo, Editora Phorte, 1999.

BORELLI, Viviane. **O Esporte como uma construção específica no campo jornalístico**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002.

CAMPOS, Luiz Antonio Silva. **Voleibol “da” Escola**. Jundiaí, SP: Editora Fountora, 2006.

CUNHA, Darkson Spreckelsen, **Tese de Doutorado, Proposta de aproximação entre os cursos de Comunicação Social ‘Habitação Jornalismo’ e Educação Física no RS**. Santa Maria, UFSM, 2000.

DARIO, Rubens. **A marcação é o início do ataque**.

HENN, Ronaldo. **Os fluxos da Notícia**. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2002.

**História do Basquete In SUA PESQUISA. Disponível em:**  
[http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia\\_do\\_basquete.htm](http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_do_basquete.htm). Acesso em 17 nov. 2008.

**História do basquete In COLÉGIO SÃO FRANCISCO. Disponível em:**  
<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/basquete/historia-do-basquete.php>. Acesso em 17 out. 2008.

**Just volleyball.** Disponível em: <http://www.justvolleyball.com.br/>. Acesso em 18 nov. 2008.

LAPORTA, Paulo Roberto Ramos. **Apostila de Voleibol I.** Apostila do Curso de graduação da Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES). Santa Maria, RS, 2002.

MARCHI Junior, Wanderley. **“Sacando” o voleibol.** São Paulo: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações: comunicação cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

**O que fez o Brasil se tornar o melhor do mundo no voleibol** In Revista ÉPOCA Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG75914-6014,00.html>, site. Acesso em 13 out. 2008.

PAES WAGNER, Luiz Aníbal Ferreira & SOUZA, Carlos Medeiros de. **Voleibol e Mídia: Uma sacada de Ouro.** Rio de Janeiro, 2007.

**Pedagogia do Basquetebol** In PEDAGOGIA DO BASQUETE. Disponível em: <http://www.pedagogiadobasquete.com.br/historico.php>. Acesso em 17 out. 2008.

RIBEIRO, Jorge L.S. **Conhecendo o Voleibol.** Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2004.

SCHMITZ FILHO, Antonio Guilherme, **O Jornalismo Esportivo na Copa do Mundo de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas.** Rio de Janeiro :ECO/ UFRJ, 1999.

SHONDELL, Donald & REYNAUD, Cecil; trad. Silvia Zanette Guimarães. **A Bíblia do Treinador de Voleibol.** Porto Alegre: Artemed, 2005.

**Volei – uma grande Sacada!** In Secretaria Municipal de esporte e Lazer de São José dos Pinhas. Disponível em <http://www.sjp.pr.gov.br/portal/esporte/fazer2.php?id=1168429905919640> Acesso em 17 nov. 2008.

**Voleibol** In Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Voleibol>. Acesso em 11 de out 2007.